

# SUMÁRIO

Prefácio .....	7
<b>PARTE 1: ABORDAGENS SÓCIO-SEMIÓTICAS</b>	
1. O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan <i>DÉSIRÉE MOTTA-ROTH E VIVIANE MARIA HEBERLE</i> .....	12
2. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais <i>ORLANDO VIAN JR. E RODRIGO E. DE LIMA-LOPES</i> .....	29
3. A noção de gênero textual na lingüística crítica de Roger Fowler <i>SUMIKO NISHITANI IKEDA</i> .....	46
4. A perspectiva discursivo-semiótica de Gunther Kress: o gênero como um recurso representacional <i>ANNA ELIZABETH BALOCCO</i> .....	65
5. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough <i>J. L. MEURER</i> .....	81
<b>PARTE 2: ABORDAGENS SÓCIO-RETÓRICAS</b>	
6. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais <i>BARBARA HEMAIS E BERNARDETE BIASI-RODRIGUES</i> .....	108
7. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação <i>GISELE DE CARVALHO</i> .....	130
<b>PARTE 3: ABORDAGENS SÓCIO-DISCURSIVAS</b>	
8. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin <i>ROSÂNGELA HAMMES RODRIGUES</i> .....	152
9. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas <i>ROXANE ROJO</i> .....	184
10. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam <i>ADAIR BONINI</i> .....	208
11. A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart <i>ANNA RACHEL MACHADO</i> .....	237

12. Gênero do discurso como componente do arquivo em Dominique Maingueneau	
<i>MARIA MARTA FURLANETTO</i> .....	260
Bibliografia.....	282
Os[as] autores[as] .....	294

# PREFÁCIO

J. L. MEURER (UFSC)  
ADAIR BONINI (UNISUL)  
DESIRÉE MOTTA-ROTH (UFSM)

A idéia de produzir este livro teve início e se desenvolveu no interior de um grupo de trabalho (GT) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Durante a produção dos capítulos, todos os participantes deste volume estavam vinculados ao GT de Linguística Aplicada, como membros do subGT “Teorias de gênero (*genre*) em práticas sociais”<sup>1</sup>.

O projeto do livro nasce da convivência, dentro do subGT, de inúmeras teorias e abordagens do objeto em questão: o gênero textual/discursivo. Em função dessa convivência, emergiu, naturalmente, a necessidade de constituir um instrumento de facilitação do diálogo e, ao mesmo tempo, de incremento das discussões no grupo. É desse modo que surge o objetivo principal desta obra: *estabelecer um mapeamento dos principais conceitos, termos e explicações disponíveis neste campo de estudos*. Buscamos reunir e analisar arcabouços teóricos de várias origens e épocas, em sua grande maioria ainda não publicados em português, para trazer aos leitores interessados no ensino e no uso da linguagem, um painel rico e pluralista sobre o conceito de gênero textual/discursivo.

Podem ser arrolados, ainda, outros dois objetivos deste livro, mais específicos, mas não menos importantes. O primeiro deles diz respeito à formação de novos cientistas. Como pesquisadores dos gêneros textuais/discursivos, temos interesse em disponibilizar, para os ingressantes no campo, um material que dê uma noção não só das idéias produzidas no grande debate, mas também do que trata cada abordagem específica. É nesse sentido que este livro é não só uma síntese do campo, mas também um material introdutório e crítico de cada abordagem. Objetiva, portanto, por um lado, facilitar o acesso à diversidade de teorias vigentes e, por outro, promover o debate acadêmico sobre o tema em cursos universitários, especialmente nos cursos de pós-graduação.

O segundo objetivo específico tem relação com o crescente interesse por esse tópico. Tanto no Brasil, principalmente após a publicação dos PCNs

---

<sup>1</sup> Os outros subGTs eram: “Transculturalidade, linguagem e educação”, “Português como L2/LE”, “Formação de professores de línguas” e “Ensino e aprendizagem de línguas”. Aproveitamos para agradecer a colaboração imprescindível de todos/as os/as autores/as, bem como a participação voluntária dos/as colegas e alunos/as que contribuíram para a produção deste livro com leitura de capítulos, discussão e comentários.

(Brasil, 1997, 1998a, 1998b), quanto no estrangeiro (cf. Bhatia, 1997<sup>2</sup>; Hyland, 2002), é notável o número de campos científicos e de profissionais interessados nesse tema. Pode-se dizer, hoje, que estão inclinados a discutir questões relacionadas aos gêneros, entre outros, críticos literários, retóricos, sociólogos, cientistas cognitivistas, especialistas em tradução automática, lingüistas computacionais, analistas do discurso, especialistas em inglês para fins específicos, professores de língua, publicitários, jornalistas e especialistas em comunicação empresarial. Este livro procura, nestes termos, trazer informações acessíveis a este público, em especial aos professores de língua.

A leitura dos 12 capítulos aqui publicados possibilita uma constatação imediata: as abordagens teóricas tanto se aproximam — ao lançar um olhar social e discursivo sobre a linguagem — quanto se distanciam — ao pôr em cena conceitos-chave bastante distintos. É necessário, aqui, tecer comentários sobre pelo menos dois aspectos das teorias de gênero.

O primeiro deles é que o gênero passou a ser uma noção central na definição da própria linguagem. É um fenômeno que se localiza entre a língua, o discurso e as estruturas sociais (Meurer, 2000), possibilitando diálogos entre teóricos e pesquisadores de diferentes campos e, ao mesmo tempo, trazendo elementos conceituais viabilizadores de uma ampla revisão de todo o aparato teórico da lingüística. O gênero, portanto, do ponto de vista formal (como unidade da linguagem) unifica o campo e, justamente por isso, os diálogos entre as várias abordagens se intensificam.

O segundo aspecto a ser comentado diz respeito ao fato de que, ao tomar o conceito de gênero como categoria do discurso, a lingüística aplicada amplia o horizonte de explicações para a linguagem. Verifica-se uma certa competição saudável em que diferentes abordagens buscam a melhor maneira de explicar o uso da linguagem em termos de contextos e práticas sociais específicos. Os leitores poderão perceber que algumas dessas abordagens ganham um escopo mais limitado (e.g., teorização sobre as seqüências textuais) enquanto outras ganham uma abrangência maior (teorização sobre a própria natureza da linguagem), o que nos faz lembrar uma reflexão de Hasan (1996): “Eu tenho a impressão de que há uma continuidade que vai desde a experiência de viver a vida, de um lado, até o morfema, de outro”.

Dada a existência desses dois aspectos do gênero, tanto o de unificador quanto o de dispersor do campo, não é fácil construir um quadro ontológico (ou mesmo didático) das correntes teóricas postas no campo. As teorias de gênero não podem ser classificadas com muita facilidade em taxinomias

---

<sup>2</sup> A esse respeito diz Bhatia (p. 629): “Embora seja um desenvolvimento relativamente recente no campo dos estudos aplicados do discurso, a análise de gêneros tem se tornado extremamente popular nos últimos anos. O interesse pela teoria dos gêneros e suas aplicações não se restringe mais a um grupo específico de pesquisadores de uma área em particular ou de um setor qualquer do globo terrestre, mas cresceu a ponto de assumir uma relevância muito mais ampla do que jamais foi imaginado”.

fechadas. Há muito mais um diálogo (crescente) do que um jogo de oposições claras entre esses trabalhos.

Uma questão que também precisa ser colocada, quanto ao quadro teórico construído no livro, é que as terminologias são bastante flutuantes. Para o próprio gênero ainda não há um termo consensual. Os organizadores optam pelo termo “gênero textual” (e de texto), sendo este o termo mais corrente. Mas uma grande parcela dos estudiosos prefere o termo “gênero discursivo” (e do discurso). A noção de gênero é muito próxima nas várias abordagens, mas a terminologia é extremamente diversa. Outros termos “relativamente” equivalentes (mas em disputa) são: 1) seqüência textual, tipo textual e modalidade discursiva (entre outros), e 2) esfera social, comunidade discursiva e ambiente discursivo (entre outros).

Do ponto de vista da organização, o livro não nega a dificuldade de se determinar as correntes postas no campo. Agrupamos os trabalhos sob três termos gerais, quais sejam, as abordagens: sócio-semióticas, sócio-retóricas e sócio-discursivas. Tais termos são meramente didáticos, não tendo caráter ontológico e não devendo ser encarados como base de revisões da literatura sobre o tema.

Na verdade, toda essa malha de teorias se presta a diversas distinções (que poderão servir a muitos propósitos), mas não encontra uma distinção única, perfeitamente aplicável. Vejamos um exemplo. Caso tentássemos dividir as abordagens entre aquelas “de orientação discursiva anglo-saxã” e as “de orientação discursiva francesa”, logo veríamos que Fairclough (1992) e Adam (1999) trabalham com ambos os quadros e que os trabalhos, de modo geral, não podem ser vistos como desta ou daquela orientação, mas como mais ou menos orientados por um desses quadros. Outras distinções como “discursivo” *versus* “textual” ou “formal” *versus* “enunciativo” também mostram o mesmo efeito.

Para a organização do livro, portanto, optamos pelos termos acima citados, que dão conta minimamente de caracterizar o conjunto de trabalhos de cada seção. A determinação dessas seções foi feita, primeiramente, no sentido de agrupar os trabalhos com laços teóricos mais visíveis. Assim sendo, na seção 1, sobre abordagens sócio-semióticas, são apresentadas e discutidas as posições de Hasan, Martin, Fowler, Kress e Fairclough, que, em maior ou menor conta, utilizam aportes da teoria sistêmica (funcionalismo de Halliday), das análises críticas e da teoria textual. Na seção 2, sobre abordagens sócio-retóricas, são considerados os trabalhos de Swales e Miller, estudiosos que retomam a retórica de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958), a teoria do texto e as posições etnográficas acerca do discurso. Na seção 3, acerca das abordagens sócio-discursivas, são apresentadas e discutidas as posições de Bakhtin, Adam, Bronckart e Maingueneau, que incorporam à própria reflexão aportes da análise do discurso, da teoria do texto e das teorias enunciativas. O prefixo “sócio” é utilizado aqui em função de todos esses trabalhos, em alguma medida, se atermem mais ao caráter social da linguagem que ao estrutural. Todas as abordagens, por exemplo, contemplam a noção de gênero como ação social. Todavia, é preciso salientar que, ao apontar aqui os aportes teóricos mais salientes em cada seção, não estamos querendo afirmar que esses trabalhos se reduzem a tais aportes, pois, como já afirmamos anteriormente, os cruzamentos teóricos são intensos.

O segundo critério de organização das seções foi o de estabelecer uma espécie de gradação, desde o trabalho mais restrito ao objeto gênero até o mais abrangente. Neste sentido é que abrimos as seções, respectivamente, com Hasan, Swales e Bakhtin e encerramos com Fairclough (que faz, de modo mais amplo, uma teoria crítica do discurso), Miller (uma teoria das ações retóricas) e Maingueneau (que também faz uma teoria do discurso). Cabe ressaltar, aqui também, que esta gradação tem mais um caráter didático do que ontológico e que o trabalho precursor de Bakhtin (1992) é amplamente citado por todos os estudiosos desse campo.

Em termos do público-alvo, é preciso dizer que não se trata de um manual didático ou de divulgação científica, de modo que não se direciona ao leigo ou ao público em geral. Uma vez que o livro se consubstancia como um levantamento crítico do conteúdo teórico e metodológico de diferentes abordagens do gênero textual, interessa a pesquisadores do assunto, principalmente aos que estão se iniciando neste campo. Por outro lado, exatamente pelo fato de os capítulos terem caráter introdutório, o livro pode despertar o interesse de inúmeros profissionais e estudiosos envolvidos com a questão dos gêneros, principalmente do professor de línguas, mas também dos profissionais de outras áreas como sociólogos, jornalistas, publicitários, bibliotecários e antropólogos.

Para concluir, gostaríamos de discutir duas questões com as quais o leitor perspicaz certamente se deparará. Considerando todo o mosaico das teorias expostas nos capítulos que se seguem, a complexidade e a riqueza do debate posto, podemos nos indagar se é possível a *construção de uma teoria integrada dos gêneros*. Considerando que há uma ampla aceitação de noções já clássicas como as de coesão, coerência, do papel constitutivo do discurso, podemos dizer que o debate caminha para alguns fechamentos. Considerando, contudo, que há quadros teóricos amplos, como os de Maingueneau, Bronckart, Fairclough, entre outros, que rivalizam e que não são claramente desautorizáveis por provas empíricas (como pressupunha a epistemologia tradicional), fica a dúvida sobre quais caminhos o diálogo pode seguir para chegar a generalizações e a explicações mais consensuais. Talvez possamos ter como horizonte a explicação de uma possível competência comunicativa, como já propunha Dell Hymes (1971), ou de uma competência pragmática, discursiva, ou enunciativa, como propõem outros. Em todo caso, é certo que já não estamos tratando de uma explicação puramente estrutural da capacidade de o ser humano falar, interagir, constituir discursos e se constituir discursivamente.

Outra questão, atrelada a essa primeira, é a seguinte: há necessidade de tal teoria integrada dos gêneros ou mesmo da linguagem? A própria riqueza crítica em termos desses objetos já é um grande ganho científico. O trabalho de pesquisa em torno da linguagem, embora com menos certezas, do ponto de vista de uma ciência positivista, hoje é muito mais rico em termos da amplitude e das finalidades destas reflexões. À medida que mais claramente pudermos descrever e explicar o uso de gêneros — integrando ou não teorias de gêneros sob perspectivas diversas — talvez mais claramente possamos perceber e explorar como a linguagem se entrelaça com a vida<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Parafrazeando Hasan.